

Rhodes prevê fim da crise da dívida

por Peter R. Greiff
da AP/Dow Jones

A crise da dívida latino-americana, iniciada há dez anos, pode acabar até agosto. William Rhodes, vice-"chairman" do Citibank, que presidiu comitês de bancos na reestruturação das volumosas dívidas de virtualmente todos os tomadores de empréstimos importantes da América Latina, disse na quarta-feira que acordos em princípio para a reestruturação das dívidas do Brasil e da Argentina junto aos bancos comerciais devem ser fechados no máximo até agosto. "Nesse momento, a crise da dívida latino-americana estará encerrada", afirmou Rhodes.

O mês de agosto marca o décimo aniversário da crise, que surgiu em 1982 quando funcionários do setor financeiro mexicano informaram aos banqueiros que não mais seria possível manter em dia o pagamento do principal ou do serviço da dívida do país, que crescera explosivamente.

Em resposta, os bancos deixaram de fornecer novos créditos ao México e à maioria dos outros países latino-americanos, provocando uma crise de liquidez que abalou o crescimento da região durante anos.

A crise enfraqueceu também muitos bancos norte-americanos, inclusive o Citibank, que foram eventualmente obrigados a cancelar bilhões de dólares de seus balanços para poder superar a crise. Alguns bancos, como o Manufacturers Hanover Trust Co., nunca mais se recuperaram plenamente e foram obrigados a fundir-se com instituições concorrentes para ajudar a restabelecer sua saúde financeira.

Rhodes previu que a América Latina, até recentemente um "pária" nos mercados financeiros, teria acesso mais fácil aos mercados internacionais de capital como resultado do final da crise.

Quando o México fechou seu acordo de reestruturação da dívida, em 1989, os mercados subitamente abriram-se para ele", lembrou. Rhodes fez essas ob-

servações em Davos, na Suíça, perante o Fórum Econômico Mundial.

Ainda que analistas e comentaristas tenham proclamado o fim da controvérsia da dívida em outras ocasiões, ela normalmente ressurgia à medida que os países não conseguiram cumprir seus programas de reforma econômica; atrasavam nos pagamentos do serviço da dívida e se viam forçados a buscar nova reestruturação. Esta é a primeira vez que Rhodes declara que a crise está acabando.

Se sua avaliação estiver correta, será o fim de uma década de confusas e arrastadas renegociações das dívidas junto aos bancos comerciais e de medidas de austeridade econômica em geral penosas que os bancos exigiam como parte dos acordos.

Rhodes elogiou a atual geração de líderes latino-americanos, que implementaram as reformas voltadas para o mercado que estão ajudando a tirar a região do isolamento econômico. Rhodes considera o México e o Chile líderes do movimento rumo às reformas de mercado que se es-

palhou agora para virtualmente todos os países latino-americanos.

"A reforma não é fácil", reconheceu. "É fácil de pregar, mas colocá-la em prática é mais difícil."

É certo que a crise não acabou em toda a parte. O Peru está atrasado há mais de sete anos nos pagamentos do serviço de sua dívida e não a está renegociando no momento. Porém, Rhodes disse que o presidente peruano, Alberto Fujimori, deu a entender que gostaria de começar a conversar.

Rhodes também lembrou a tentativa de golpes para derrubar o presidente venezuelano Carlos Andrés Pérez, mas disse que confiava em que a Venezuela mantivesse seu programa de reformas. "Acredito que o presidente Andrés Pérez continuará na trilha da reforma e que a Venezuela sobreviverá política e economicamente", disse.

O BRASIL

Previu que Brasil e Argentina poderão chegar a acordos (em princípio) com os bancos, talvez já em junho. Garantir as assinaturas dos bancos levaria seis meses a partir daí, dis-

se, informando que ambos os pacotes de reescalonamento devem estar em vigor no começo do ano que vem no máximo.

O Brasil está procurando a reestruturação de US\$ 50 bilhões em dívidas de médio e longo prazos junto aos bancos comerciais. Rhodes disse ter-se reunido com o ministro brasileiro da Economia, Márcio Marques Moreira, em Davos, para estudar maneiras de acelerar as negociações.

A Argentina está mantendo negociações para reescalonar cerca de US\$ 31 bilhões em dívidas junto aos bancos comerciais. Rhodes disse que o ministro argentino das Finanças, Domingo Cavallo, expressou o desejo da Argentina de concluir o mais rápido possível as negociações.

"Não queremos uma negociação longa e arrastada", disse Rhodes. Acrescentou que os bancos devem responder em duas semanas a um conjunto de propostas argentinas apresentadas na sexta-feira passada durante reunião em Nova York.